

Poder carismático feminino e a profecia de um novo mundo: inspirações messiânico-milenaristas na revolta dos Muckers, São Leopoldo/RS

Maria Otilia Telles Storni

Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB), doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (PPG-CR/UFPB).

mariaotiliats@yahoo.com.br

José Roberto Feitosa de Sena

Licenciado em História pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (PPG-CR/UFPB) com mestrado sanduíche na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

joserobertosena86@gmail.com

Resumo

Os movimentos messiânico-milenaristas, por muito tempo, foram pouco abordados no estudo científico das religiões. Tal problema no Brasil se deu devido a uma forte carga de valores e preconceitos ao se analisar esses fenômenos socioreligiosos. A partir dos trabalhos de Queiroz (1957), essa realidade veio se modificando e alargando o campo de conhecimento nessa área. Na busca por não criminalizar ou patologizar determinados movimentos devido a suas atitudes, mas sim verificar a sua “lógica social e interna”, que, para um pesquisador desavisado, seria interpretada erroneamente como “loucura”, os estudos acerca dessas

manifestações religiosas têm caminhado a passos largos nos últimos anos. Partindo do princípio epistemológico-hermenêutico de que existe uma ordem simbólico-escatológica interna que regula e dá sentido às ações humanas, podemos analisar brevemente a figura do líder carismático sob o olhar da sociologia da religião Weberiana. Como objeto de análise do presente artigo, objetivamos abordar a liderança carismática de Jacobina Mentz, líder da Revolta dos Muckers, eclodida em São Leopoldo/RS, no final do século XIX.

Palavras-chave: liderança feminina; carisma; messiânico-milenarista.

O que são movimentos messiânico-milenaristas?

É do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo o êxito. O respeito que ele lhe testemunha é feito simultaneamente de terror e de confiança. As calamidades que o ameaçam, de que ele é vítima, as prosperidades que ele deseja ou lhe calham por sorte são por ele relacionadas com determinado princípio que se esforça por vergar à sua vontade ou coagir (CALLOIS, 1988¹).

Os movimentos messiânico-milenaristas, por muito tempo, foram pouco abordados no estudo científico das religiões. Tal problema, no Brasil, se deu devido a uma forte carga de valores e preconceitos ao se analisar tais fenômenos sociorreligiosos. A partir dos trabalhos de Queiroz (1957), essa realidade veio se modificando e alargando o campo de conhecimento nessa área. Na busca por não criminalizar ou patologizar determinados movimentos por conta de suas atitudes, mas verificar sua “lógica social e interna”, que, para um pesquisador desavisado, seria interpretada erroneamente como “loucura”, os estudos acerca dessas manifestações religiosas têm caminhado a passos largos nos últimos anos. Partindo do princípio epistemológico-hermenêutico de que existe

¹ CALLOIS, R. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições. 70, 1988, p. 22.

uma ordem simbólico-escatológica interna que regula e dá sentido às ações humanas², podemos analisar brevemente a figura do líder carismático sob o olhar da sociologia da religião Weberiana.

Max Weber (1864 - 1920), considerado um dos autores clássicos da sociologia, concentrou boa parte de seus estudos no campo das religiões. Em sua obra-prima, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904/1905), demonstra preocupação em observar o desenvolvimento da economia capitalista por meio da racionalização cultural promovida pela ascese intramundana e a vocação profissional luterano-calvinista (MOTTA, 1995).

Em outro clássico weberiano, *Economia e sociedade* (1913), o autor expõe um sistema de tipos ideais, entre os quais estão as leis, as democracias, o capitalismo, o feudalismo, as sociedades, burocracias etc. Todos esses tipos ideais são apresentados como conceitos definidos de acordo com critérios pessoais. O conceito de tipo ideal corresponde, no seu pensamento sociológico, a um processo de conceituação que abstrai de fenômenos concretos o que existe de particular, constituindo assim um conceito individualizante ou um “conceito histórico concreto”. A ênfase na caracterização sistemática dos padrões individuais concretos (aspecto das ciências humanas) opõe a conceituação típico-ideal à conceituação generalizadora, tal como é conhecida nas ciências naturais (WEBER, 2004).

Weber, na busca da decodificação dos tipos ideais, propõe o método compreensivo, que consiste em entender o sentido que as ações de um indivíduo contêm e não apenas os aspectos exógenos. Tal colocação do problema de como se abordar o fato significa que não é possível propriamente explicá-lo como resultado de um relacionamento de causas e efeitos, mas compreendê-lo como fato carregado de sentido; dito de outra forma, como algo que aponta para outros fatos e somente em função dos quais poderia ser conhecido em

² Este é um posicionamento de análise acadêmica que não procura justificar ou defender quaisquer práticas; nosso objetivo aqui é estabelecer um olhar acadêmico apurado, crítico, imparcial e interdisciplinar.

toda a sua amplitude.

Partindo dessa perspectiva, iremos abordar o *tipo ideal* da liderança *carismática* (religiosa), confrontando com a autoridade messiânica feminina, Jacobina, líder da “Revolta dos Muckers”, movimento messiânico-milenarista de origem germano-protestante que eclodiu no interior do Rio Grande do Sul, nos fins do século XIX.

Segundo Monteiro (1974), o movimento messiânico-milenarista nasce a partir de uma insatisfação social gritante, a que chama de *desencantamento do mundo*; seria a desestruturação material da vida, que conduziria os indivíduos a buscarem “válvulas de escape” e reencontrar novos sentidos de vida. Esse reencontro ocorre com o processo de *reencantamento do mundo*. Dispersos no caos social, os homens buscam compensações no plano subjetivo-metafísico, apelam para as divindades. Resgatam no imaginário - da onipotência e predestinação divina - a saída para a neutralização das mazelas sociais, o equilíbrio do cosmos e o apaziguamento das tensões sociais dominantes. Tal processo simbólico e comunitário exige cooperação e, acima de tudo, fé. Para a organização social e simbólica do grupo, elege-se um líder que possa orientá-los nessa caminhada à transcendência (MONTEIRO, 1974). O mundo já não dá conta das necessidades latentes; (re) cria-se a práxis do imaginário apocalíptico e tenta-se superar todas as provações e impurezas para atingir o paraíso.

No caso dos Muckers liderados por Jacobina Mentz, houve a mesma ruptura com a sociedade “organizada”, profetizada pela então figura feminina de Jacobina, mulher de confiança de todos, cujo poder e conhecimento ultrapassavam a ordem material. O paraíso vindouro transformaria a sociedade ameaçada pela política mundana. O retorno mágico ao paraíso era anunciado, pois traria consigo as benesses almeçadas suplicamente pelos pobres migrantes. Na tentativa de implantação de um comunitarismo na Terra, sob a liderança de um “messias”, a “escolhida” garantiria a salvação e a ascensão à vida

eterna. O imaginário popular do Éden, de Canaã, do purgatório, do firmamento celestial etc. são constantemente (re) acessados e comungados entre a líder e seu grupo. Foi assim tanto no movimento messiânico mencionado como em inúmeros outros, mesmo os de contextos urbanos e mais contemporâneos.

Weber observa a figura do líder como uma dominação carismática; é um tipo de apelo social e psicológico que se contrapõe às bases de legitimidade da ordem estabelecida, “padronizada” e institucionalizada. O líder carismático, de certa forma, é sempre revolucionário, a partir do momento em que se coloca em oposição (in) consciente a algum aspecto estabelecido da sociedade em que está inserido. É também um profeta que anuncia as realizações dos desejos do grupo liderado.

Navegando no mar de pressupostos teóricos da socioantropologia compreensivo-interpretativa de base weberiana, buscaremos entender melhor esses fenômenos sociorreligiosos, tendo como fio condutor de nossa análise a figura da líder carismática. Vale salientar, trata-se de uma mobilização religiosa de caráter protestante-étnico-germânico, liderada por Jacobina Maurer Mentz, autodeclarada o Cristo feminino, a feminilidade transcendente, o ser humano hierofanizado a que Eliade (1992) chama de *Homo religiosus*.

O homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real (ELIADE, 1992, p. 164).

Como realizar uma leitura da liderança supracitada, analisando-a partir do referencial weberiano? Objetivamos, neste ensaio, interpretar a figura messiânica à luz das ciências sociais da religião. Para tanto, iremos fazer um breve percurso no estudo nos fenômenos messiânico-

milenaristas, a fim de contextualizar e compreender o problema em questão.

Breve antecedente histórico-sociológico dos movimentos messiânico-milenaristas

No Antigo Testamento Bíblico, podemos encontrar diversas passagens que demonstram a presença da figura messiânica. Segundo Scardelai (1998), a história judaica abriga uma miscelânea de líderes e narrativas míticas messiânicas. A doutrina acerca da vinda de um libertador já era bastante conhecida, sobretudo a partir do reinado de Davi. Com a queda da dinastia davídica tomada pelas mãos do Império da Babilônia, em 586 a.C., nasce uma popular esperança na restauração do reino sagrado de Davi. Nessa perspectiva, o messianismo restaurativo se apropriaria ideologicamente da monarquia davídica como forma de inaugurar uma memória coletiva que promove a coesão social e constitui a busca da esperança messiânica (SOUSA, 2010, p. 14).

O messianismo davídico escatológico aparece, por um lado, como uma expectativa que constitui uma reação contra a degeneração do sumo sacerdócio e, portanto, preconiza um messianismo sacerdotal; por outro lado, é uma reação contra a degeneração da monarquia e, portanto, espera um messias descendente de Davi (SCHILLEECKX, 1981 *apud* SILVA, 2008, p. 89-90).

A ideia messiânica é anterior à monarquia davídica e já estava presente em muitas escrituras hebraicas, no entanto, é no período em questão que se desenvolve o caráter super-humano do líder messiânico, atribuído à figura mítica do Rei Davi, permitindo a transformação e adaptação gradual das ideias messiânicas no Judaísmo e posteriormente no Cristianismo.

No Brasil, em boa parte, a esperança messiânica foi transferida de Portugal por meio do mito sebastianista, que depositou na população luso-brasileira o ideal retorno do poderoso e bem-feitor rei Dom Sebastião. O impacto da volta tão esperada do rei, desaparecido nas Cruzadas, ganhou

grande repercussão no imaginário católico-popular brasileiro e serviu de fundamento escatológico para muitos movimentos messiânicos. O exemplo mais conhecido foi o da Guerra de Canudos, liderada pelo beato sebastianista Antônio Conselheiro (GODOY, 2010, p. 19).

Em meio ao mosaico religioso brasileiro, o imaginário messiânico se infiltra em diversas denominações religiosas criando novas revelações proféticas que culminariam em inúmeros surtos e mobilizações socioreligiosas; os mais citados pela literatura da temática são os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado.

As abordagens dos fenômenos vêm ganhando cada vez mais espaço e respeito na academia; as interpretações foram adaptando-se às novas realidades científicas, deixando de lado as leituras biopsicológicas que os observavam como crises patológicas de ordem estritamente mental e ganhando um caráter de análise social, como nas abordagens da sociologia tradicional (SILVA QUEIROZ, 2009).

Rui Facó, um dos autores da linha sociológica tradicional, em *Cangaceiros e Fanáticos* (1991), interpreta com uma abordagem marxista os fenômenos como falsa-consciência, alienação e reação pré-política do povo em busca de mudanças sociais. Como revela o próprio autor:

temos aí a perfeição, a comprovação do conceito marxista do fenômeno religioso como consciência primária que o homem tem de si mesmo quando ainda não atingiu o autodomínio, fraco e impotente em face de tudo que o rodeia (FACÓ, 1991, p. 50).

Outro autor de destaque nessa perspectiva sociológica é Maurício Vinhas de Queiroz. Em sua obra *Messianismo e Conflito Social* (1966), aborda a Guerra do Contestado como resultado de uma crise estrutural, produto da luta de classes. Entende que os revoltosos eram militantes engajados na luta por terras e bem-estar social.

As obras, talvez, de maior destaque no Brasil são as de Maria Isaura P. de Queiroz. Publicadas a partir da década de 50 do século XX, buscam uma tipologia divergente da perspectiva da *patologia social desviante* e da *reação pré-*

política dos pobres, posturas então dominantes. Desse modo, ela envereda pelo caminho que coloca os fenômenos numa lógica social, na qual recupera seu caráter de normalidade e de necessidade social, classificando os movimentos de acordo com os tipos de sociedade nos quais estão inseridos. No entanto, embora a sociologia tradicional tenha avançado na análise social dos fenômenos, sobretudo por meio dos trabalhos de Maria Isaura, as interpretações ainda são tidas como reducionistas, pois “essa preeminência lógica do social obscurece a percepção da lógica do simbólico” (SILVA QUEIROZ, 2009, p. 143).

A abordagem aqui adotada supera as posturas reducionistas em questão. Buscamos entender os movimentos messiânico-milenaristas sob a ótica compreensivo-interpretativa, que prevê uma hermenêutica dos aspectos mais simbólicos que acompanham as ações humanas para, daí, compreendermos parte de sua lógica interna. Desse modo, defendemos que os líderes messiânicos não seriam psicopatas, rebeldes alienados de movimentos aberrantes, mas místicos ascetas frequentes na tradição judaico-cristã, “dotados de qualificações intelectuais acima da média dos seus liderados” detentores do carisma (NEGRÃO, 2010, p. 37).

Tal carisma direcionará os crentes ao “paraíso”, ratifica o sociólogo Lísias Nogueira Negrão:

Todo movimento messiânico cria a crença em um salvador, o próprio Deus ou emissário, e a expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era, de virtudes e justiça (NEGRÃO, 2001, p. 119).

Sobre esse imaginário apocalíptico nos revela Silva (2008):

O viés basilar desse imaginário apóia-se (*sic*) no estatuto da liberdade e do comunitarismo, como direitos inalienáveis concedidos por Deus ao ser humano. E sob essa ideologia, a implantação do Reino de Deus consiste no zelo e na construção de povos livres, vivendo em comunhão fraternal, conforme o ideário religioso (SILVA, 2008, p. 75-76).

Portanto, é por meio de lideranças carismáticas capazes de comover seu povo por meio de afirmações e visualizações de profecias por dias melhores, tal como na busca de

recompensas pelo tipo ideal de conduta que tiveram na vida intramundana, que esses movimentos conquistam cada vez mais adeptos, na busca de dismantelar as estruturas vigentes e implantar novas bases estruturais. Concordamos com Desroche quando afirma:

A estrutura da espera, cujo losango ou quadrilátero pode ser percebido sob as diferentes combinações que podem afetar seus pólos (*sic*): o personagem (messiânico), o reino (milénarista, a sociedade religiosa (igreja ou qualquer outro corpo religioso), a sociedade política (a nação, o estado ou união das nações) (DESROCHE, 2000 *apud* LIMA, 2008, p. 11).

Os movimentos messiânicos opõem-se ao que está estabelecido, dribla regras e subverte a ordem administrada pelo Estado. Os seguidores acompanham um único líder, o seu, que os levará à verdadeira ordem. Fundamentados em pensamentos oriundos de diversas culturas que fizeram parte da formação social da cultura brasileira, o grupo ouve o messias, e ele revela-vislumbra o novo mundo, contrariando, no percurso para alcançá-lo, as perspectivas do Estado e da Igreja, num contexto de opressão e de pobreza extrema. Como afirma Campos:

O fenômeno messiânico-milénarista permite a reintrodução na história da dimensão do transcendente, do absoluto ou do sagrado, seja ele de que tipo for, combinando tal mensagem com o contexto político predominante. Nesse sentido, a religião e a busca do milênio fazem parte de uma recusa daquelas formas de vida social que, por estar 'desprovida de mitos coletivos', se tornou intolerável. Daí a exigência de que o analista, conforme Mannheim (1954), entenda que 'certos grupos oprimidos estão intelectualmente tão interessados na destruição e transformação de uma dada condição social que, sem sabê-lo, percebem apenas aqueles elementos da situação que tendem a negá-la (CAMPOS, 2000, p. 7).

Principais características dos movimentos messiânico-milénaristas

Segundo Delumeau (1997), o milénarismo se distingue do messianismo em dois elementos. De um lado, "ele repousa sobre a crença no advento de um reino concebido como uma

reatualização das condições que existiam antes do primeiro pecado” (DELUMEAU, 1997, p. 18). De outro, afirma que o Messias já se manifestou e que espera o momento ideal para seu retorno.

Nesse sentido, entendemos que o milenarismo seria o retorno tão esperado do messias, que implantaria na terra seu reinado de mil e tantos anos de benesses, paz e felicidades. A vinda do messias poria fim às mazelas gritantes da sociedade, livrando da dor e do sofrimento os que o esperam. Desse modo, o milenarismo exerce uma função social importante no contexto opressivo em que seus adeptos vivem, objetivando apaziguar radicalmente o caos, vocalizando um protesto contra a situação vigente que contraria a vontade divina.

A esperança da implantação de um mundo sem contradições e sofrimentos está baseada na fé do retorno do Salvador e na crença de que o mundo tem sentido e que este é de domínio do poder e do amor de Deus; Ele é justo e ama seu povo e tem poder para extirpar a dor e implantar a eterna alegria de um novo mundo.

Enquanto o milenarismo é a vivência grupal da certeza escatológica que o feito divino ocorrerá, o messianismo é a crença no messias, o ser humano que, hierofanizado, encaminhará os adeptos ao paraíso, orientando condutas, operando milagres, intermediando o diálogo com o sagrado e apontado o caminho. Dito de outra forma, o messianismo corporifica a expectativa do grupo por uma mensagem ou uma pessoa dotada de força ungida para encaminhá-los em direção ao futuro tão sonhado (VALLE, 2001).

De acordo com Otten (1990), a mensagem religiosa da autoridade messiânica de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro do movimento de Canudos, no sertão baiano, nos fornece uma aporte teórico para interpretar o discurso milenarista dos beatos, líderes tidos pelo seu povo como o messias:

A pregação dos prodígios de Deus, da sua condescendência amorosa para com os homens, um tema central da pregação do beato. Ele tem

consciência de ser um profeta, de ser enviado de Deus. Em tempos difíceis, ele se sente chamado a confessar a sua fé, a publicar as maravilhas do amor de Deus. Ele considera sua pregação não fundamentada em palavras de humana sabedoria, mas em espírito e virtude. Prega o amor e o temor ao Deus Altíssimo, tenta ascender em todos os corações as chamadas do amor de Deus e prega o castigo divino aos impenitentes e hereges (OTTEN, 1990, p. 329).

Em *Errantes do Novo Século* (1978), Monteiro oferece um importante suporte teórico para a interpretação do messianismo. Estudando o movimento do Contestado, focaliza o processo de desencantamento surgido nos limites entre Paraná e Santa Catarina com a chegada da modernidade no campo. A reação da população daquela região às consequências desiguais do processo modernizador teria se expressado, segundo Monteiro, inicialmente na forma de um *desencantamento do mundo* e, depois, por um *reencantamento*, quando então se instala uma mentalidade messiânico-milenarista. Esses e outros movimentos de contestação da ordem terrena criam perturbações e conflitos, resultando na tal reestruturação da ordem social e simbólica e acabam mobilizando contra eles parcelas da sociedade, principalmente das que tiram da ordem social seus rendimentos reais ou simbólicos. Esse reencantamento é guiado por um líder carismático, tido por seus seguidores como a reencarnação do Messias; é assim no movimento em análise deste artigo, o “Cristo feminino” do Ferrabraz.

Sobre a figura-autoridade messiânica nos revela Weber:

O messias é a reencarnação de divindade ou de herói, é uma categoria dentro da classe dos profetas, é um profeta com destino político a cumprir [...] alguém virá um dia, herói ou Deus, em breve ou mais tarde, para colocar seus adeptos no primeiro lugar, que é o lugar, que é o lugar que merecem no mundo... (WEBER *apud* QUEIROZ, 2003).

Vejamos abaixo, seguindo o modelo interpretativo-comparativo elaborado por Queiroz em *O messianismo no Brasil e no mundo* (2003), algumas características gerais dos movimentos messiânico-milenaristas brasileiros. Nota-se a recorrência da importância do líder para tal fenômeno religioso:

- todos os episódios possuem como fulcro um indivíduo que acredita ser detentor de atributos sobrenaturais, que realiza milagres e direciona seus liderados para a salvação;
- os adeptos buscam desencadear um reino ou fundar uma cidade santa, colocando em prática as condutas aconselhadas pelo líder;
- os agrupamentos formados pelos integrantes quase sempre acabam sendo destruídos pelas forças repressoras do aparelho estatal, e os líderes acabam mortos ou presos, condenados por crimes provocados por atos de insanidade mental;
- a religiosidade está inteiramente impregnada nos campos messiânico-milenaristas brasileiros. Algumas vezes, esses “Messias” se dizem reencarnações de figuras religiosas santificadas, sobretudo cristãs, como Jesus Cristo, Maria, Santo Antônio, Espírito Santo, Dom Sebastião etc.;
- os líderes messiânicos integram em si a direção profana e a direção religiosa de suas comunidades. Para muitos deles, a religião, a conversão e a espera são objetivo primeiro e condicionantes dos demais comportamentos profanos;
- entre os líderes e os liderados dão-se uma empatia e um pacto silenciosos em torno de objetivos, crenças, rituais e ambições de santidade e fartura material, pelos quais o fundamento é essencialmente místico-sagrado.

A “revolta dos Muckers”: uma síntese sobre a líder Jacobina

Em 1824 chega ao Brasil uma leva de imigrantes alemães. Em 25 de julho, desembarcaram no Rio Grande do Sul, no Vale dos Sinos, onde foi fundada a Colônia Alemã de São Leopoldo³ por um grupo de luteranos. A área era tão extensa e coberta por matas que foi dividida em distritos; desses, o quinto ficou conhecido pelos lusos como Padre Eterno. Mais tarde passou a se chamar Sapiranga e, em 1954, emancipou-se tornando-se um município gaúcho povoado por imigrantes germânicos.

³ Hoje Hamburgo Velho

Ao norte da cidadezinha, encontra-se o Morro do Ferrabraz, palco de um dos maiores movimentos messiânicos brasileiros, um dos poucos liderados por uma figura feminina, a revolta dos Muckers.

Boa parte dos imigrantes que desembarcaram em solo americano eram protestantes luteranos; logo, pregavam a necessidade de manter a unidade étnica e religiosa como meio de protegerem-se das ameaças à sua cultura. Entre tantas famílias que postulavam o ideal de unicidade étnico-cultural, estava a de João Libório Mentz e Madalena Ernestina Lips, os avós de Jacobina.

Em julho de 1842, nasce em Hamburgo Velho Jacobina Maurer Mentz, que ainda jovem se casaria com o teuto-brasileiro João Jorge Maurer. O casal muda-se em seguida para um sítio no sopé do morro Ferrabraz (MÓDOLO, 2009).

Das muitas versões de como teriam começado os eventos do episódio dos Muckers, são várias as que afirmam que tudo se deu sob a liderança de João Jorge, que era protestante, analfabeto, lavrador e marceneiro de profissão.

Segundo Módolo, “Em 1868, depois de ter supostamente recebido um chamado do céu, tornou-se uma espécie de médico que usava em seus tratamentos algumas plantas medicinais” (MÓDOLO, 2009, p. 131-132). No entanto, os dons espirituais logo passaram a ser sentidos também por sua esposa Jacobina, que angariara rapidamente os crentes, creditando os feitos milagrosos de seu marido a si. Sua atuação ganha novos adeptos e logo ela se torna uma líder religiosa, cuja referência ultrapassa os limites geográficos da região do Ferrabraz. As pessoas, ao buscarem palavras de afeto, mensagens de conforto, conselhos de vida, realização de milagres vão até a profetisa, dotada de poderes, e fazem consultas espirituais, como aponta Módolo:

Após o nascimento do primeiro filho do casal, em 19 de maio de 1867, Jacobina passou a ter estranhos estados de ausência, que foram se prolongando cada vez mais. Nesses momentos de inconsciência, ela não sentia e nem ouvia nada. Mas dizia muitas coisas, fazendo esclarecimentos sobre as doenças e sugerindo remédios caseiros. Apesar de ser

analfabeta, começou a ler a Bíblia e proferir palavras de conforto espiritual para seus familiares e pessoas doentes. Eles acreditavam que uma 'divindade espiritual' inspirava as suas palavras e julgavam que suas crises se tratavam de manifestações sobrenaturais. A fama do casal que fazia milagres e curas se espalhou e muitos a eles recorriam em busca de alívio (MÓDOLO, 2009, p. 132).

Como podemos observar, desde pequena, Jacobina já demonstrava inclinações messiânicas; suas visões aumentaram durante a fase adulta, sobretudo com a maternidade. Seus discursos profético-milenaristas ecoavam para além do Ferrabraz ganhando cada vez mais adeptos. Chegou um momento em que foi necessário unir-se belicamente em torno da luta contra os anti-cristos, o demônio representado pelo Estado e por demais colonos anti-Muckers. Desse modo, o movimento engendra uma batalha entre céu e inferno, entre Deus e o demônio. Essa coalização foi comandada por Jacobina, cuja personalidade acolhe o arquétipo do messias identificado diretamente com o sagrado, tornando-se líder absoluta. Guerreira de uma luta intensa que, para os Muckers, finalizaria com a ascensão ao paraíso supremo, mas que terminou de modo trágico, como é recorrente entre os movimentos messiânicos.

No dia 28 de junho de 1874, aconteceu o primeiro confronto armado direto. Aproximadamente 100 homens cercam o lugar de concentração dos Muckers, em um ataque liderado pelo coronel Genuíno Sampaio. Seu grupo sofreu 39 baixas, enquanto que os Muckers que resistiram ferozmente só tiveram seis. Essa batalha intensificou a fé que Jacobina pregava e de seus seguidores. Mas isso não se prolongou por muito tempo e, em agosto do mesmo ano, em mais um dos vários confrontos cruéis, os Muckers foram atacados, resultando na morte da líder Jacobina (SCHULTZ, 2003).

O mito Jacobina tem sido recriado pelas artes; são vários romances, peças teatrais e filmes produzidos no Brasil; uns tentam retratar a história real, outros a utilizam de mote para ficções baseadas na vida dessa mulher, reinventado e multiplicando suas faces como num jogo de espelhos,

ampliando o enigma por trás do mito, reatualizando-o e perpetuando-o. Talvez o melhor exemplo dessas obras seja o romance *Videiras de Cristal* (1990), de Luiz Antônio de Assis, e a narrativa fílmica *A paixão de Jacobina* (2002), que apresenta um roteiro baseado na obra literária supracitada; é um drama dirigido por Fáblio Barreto e estrelado pela atriz Letícia Spiller no papel protagonista de Jacobina (SILVA QUEIROZ, 2005).

Cronologia dos fatos⁴

25/6/1824 - Chegada ao Brasil do primeiro grupo de imigrantes alemães, entre os quais estavam os primeiros 120 emigrantes de São Leopoldo/RS.

6/11/1824 - Chega a São Leopoldo Libório Mentz e Madalena Ernestina, avós de Jacobina, naturais de Tambach, na Turíngia.⁵

1832 - Libório Mentz Filho (tio de Jacobina) constrói a primeira Capela Evangélica Piedade em São Leopoldo.

Junho de 1841 - Nascimento de Jacobina Mentz Maurer, em Hamburgo Velho, filha de André Mentz e Maria Elisabeth Muller.

4/4/1854 - Rito de Confirmação de Jacobina na Igreja Evangélica Piedade.

1850 - Falecimento do pai de Jacobina, quando a menina tinha apenas nove anos de idade.

1853 - Primeira crise de desmaio de Jacobina, aos 12 anos de idade.

26/4/1866 - Casamento de Jacobina Mentz com João Jorge Maurer.

2º semestre de 1866 - o casal muda-se para o Ferrabráz.

19/5/1867 - Nascimento de Jacob, primeiro filho do casal Maurer.

1867 - Após o parto, Jacobina sofre fortes e repetidas crises de desmaios, diagnosticadas pelos médicos de São Leopoldo como “sonambulismo”.

⁴ Adaptado de SCHULTZ (2003)

⁵ Turíngia é um dos 16 estados federais da Alemanha e está localizado no centro do país.

1868 – João Maurer tem uma “visão divina” e inicia seus trabalhos como curandeiro.

1871 – Dissemina-se no Rio Grande do Sul o livro que associa o sonambulismo à vidência e a poderes milagrosos; no mesmo ano, aumenta consideravelmente o número de pessoas que visitam o casal Maurer, já então bastante conhecidos.

4/5/1873 – Jacobina anuncia-se como o Cristo.

5/1873 – Pedido de intervenção policial contra os Muckers e prisão de João Maurer. Jacobina é presa, exposta ao público e insultada. Após responder interrogatório, é conduzida a Porto Alegre, onde é internada por mais de três semanas na Santa Casa de Misericórdia. Em junho, os colonos promovem intensas peregrinações ao Ferrabraz e, mesmo presa, Jacobina faz “revelações”. Em 13 de junho, ela e o marido são libertados. Durante o resto do mês, os colonos começam a não mais sepultar mortos nos cemitérios, abandonam as festas, os bailes, os jogos etc.

7/1873 – Reinicia a perseguição policial aos Muckers.

24/5/1874 – Grande culto no Ferrabraz, onde Jacobina teria anunciado o fim do mundo e decretado o extermínio do “anticristo”, representado por todos que se contrapunham aos Muckers. Os colonos se rebelam e se armam.

6/1874 – Explosão de violência na colônia; os Muckers, cada vez mais, armam-se e agrupam-se em tom de guerra. Em 25 de junho, 14 casas de colonos opositores dos Muckers são incendiadas e dez pessoas são assassinadas, inclusive crianças. A imprensa noticia os fatos e reivindica o extermínio dos “bruxos do Ferrabraz”. No dia 28, ocorrem intensos combates entre os Muckers e as forças legais.

19/7/1874 – No segundo combate, as casas dos Muckers são incendiadas; cerca de 30 pessoas são mortas e 52 presas. No dia 25, acontece o terceiro combate e, em 2 de agosto, o quarto e último; neste morrem Jacobina e mais 16 Muckers. Alguns deles conseguem fugir e só retornam para suas casas em junho de 1880, quando os últimos réus Muckers são absolvidos.

Apontamentos interpretativos da autoridade carismática messiânica: algumas reflexões de cunho weberiano

Durante muito tempo, as mulheres foram escanteadas da história, colocadas à margem do processo, ficaram à beira da estrada do devir histórico. Com o desenvolvimento gradual das ciências humanas, essa realidade veio se modificando e a figura feminina ganhando espaço nos estudos sociorreligiosos da historiografia e das ciências sociais. O poder, até então, era de domínio masculino; à mulher restava estereótipos e juízos de valor, muitas vezes baseados no moralismo tradicional semítico-cristão (SOUZA, 2009).

Para entendermos as relações de poder na história, utilizamos os pressupostos descritos por Max Weber, que afirma que a dominação ocorre por meio de uma relação dinâmica entre poder, interesses e vantagens por parte daqueles que obedecem a um simples costume ou tradição de uma conduta passada, fincado através das raízes do tempo, ou a partir do puro afeto pessoal do súdito (WEBER, 2002).

De acordo com Bourdieu (2007), baseado no postulado teórico weberiano, a dominação é exercida pelo sexo masculino; tal mentalidade está ancorada no imaginário coletivo de forma tão latente que pouco é percebida, pois pertence a uma estrutura subjetiva em que a organização social monta suas estruturas por meio de bases androcêntricas (BOURDIEU, 2007).

A legitimidade de autoridade mais antiga e mais universal mantida baseia-se no caráter sagrado da tradição. O temor de penalidades mágicas fortalece as inibições psicológicas a respeito das mudanças dos modos costumeiros de conduta (WEBER, 2002, p. 63-64).

Se a dominação historicamente é de posse masculina e se esse domínio é legitimado por estruturas de mentalidade coletiva, dizer que a mulher vem obtendo espaços é dizer que ela transgrediu as normas, ultrapassou os limites da ordem estabelecida para ganhar espaços e exercer poderes; além do mais, desenvolve tensos processos de embates e

resistências às reações das suas conquistas e, desse modo, estabelece legitimidade e autoridade.

Observamos, no caso dos Muckers, que, inicialmente, a liderança messiânica que eminentemente projeta-se é a de João Maurer, mas logo o ideal escatológico pronuncia-se na voz de sua mulher, Jacobina, que arremata a autoridade carismática messiânica legitimada pelo grupo que passa a liderar.

Segundo Weber, o termo carisma pode se atribuído a determinadas qualidades de um indivíduo, que faz com que ele se situe numa posição à parte, geralmente à frente daqueles que o rodeiam e venha a ser considerado pelos demais indivíduos como aquele ser dotado de poderes excepcionais, com qualidades extraordinárias, sobre-humanas. Com base em seu poder sobrenatural, pode vir a ser considerado líder, profeta, salvador, herói, um ser humano-divino, detentor de poderes mágicos.

O carisma só conhece a determinação interna e a contenção interna. O seu portador toma a tarefa que lhe é adequada e exige obediência e um séquimo em virtude de sua missão. Seu êxito é determinado pela capacidade de consegui-los. Sua pretensão carismática entra em colapso quando sua missão não é reconhecida por aqueles que, na sua opinião, deveriam segui-lo. Se o aceitam, ele é o senhor deles – enquanto souber como manter essa aceitação, ‘provando-se’. Mas não obtém seu ‘direito’ por vontade dos seguidores, mas acontece o inverso: é o *dever* daqueles a quem dirige sua missão reconhecê-lo como seu líder carismaticamente qualificado (WEBER, 1982, p. 285).

Para que se estabeleça uma autoridade do tipo ideal messiânico, é necessário que o apelo do líder seja considerado como legítimo por seus seguidores, os quais estabelecem com ele uma lealdade do tipo afetivo-pessoal e até mesmo sacramental e submisso, porém uma submissão de caráter de “co-liderança”, pois o indivíduo é guia desde que seja guiado.

Como um fenômeno excepcional, a dominação carismática tem seu fundamento e legitimidade nos poderes sobrenaturais do líder. Um líder religioso adquire carisma quando é capaz de demonstrar dons racionalmente inexplicáveis, como a produção de um “milagre”. A adesão

ao líder carismático, portanto, dá-se a partir da prova de que ele é capaz de produzir algum ato extraordinário e magnífico que causa impacto naqueles que serão seus adeptos.

A autoridade carismática messiânica de origem pentecostal-germânica exercida pela personagem feminina Jacobina, líder da revolta dos Muckers, transgride as normas dominantes na sociedade organizada. As regras do grupo são enviadas por meio da mensagem divina, inquestionável e onipotente. É a verdade apodítica que emana sobre o imaginário do grupo, que impulsiona a fé e a luta milenarista do povo “escolhido” para combater o demônio (a sociedade organizada) e elevar-se ao Reino Divino.

O ‘reconhecimento’, mais ativo ou mais passivo, conforme as circunstâncias, e puramente afetivo da missão pessoal do senhor carismático pelos dominados, sobre o qual se fundamenta o poder deste, tem sua origem na entrega fiel ao extraordinário e inaudito, alheio a toda regra e tradição e por isso considerado divino, tal como nasce do desespero e do entusiasmo. Por isso, a dominação carismática genuína desconhece disposições jurídicas, regulamentos abstratos e regulação ‘formal’. Seu direito ‘objetivo’ é o resultado concreto da vivência extremamente pessoal de graça celestial e força heróica (*sic*) semelhante àquelas dos deuses e significa renúncia ao compromisso com toda ordem externa em favor da glorificação exclusiva do autêntico espírito profético e heróico (WEBER, 2004, p. 326).

O líder carismático religioso, na concepção Weberiana, encontra no profeta seu maior exemplo, pois este se opõe aos sacerdotes, representantes da “ordem”. Por caminho inverso, o profeta busca estabelecer uma ordem baseada no extraordinário. Os profetas são, portanto, representantes de um sagrado “não-domesticado”, que foge das regras fixo-estabelecidas, que flui de acordo com os desejos mais suprassubjetivos, configurando (na teoria Bastidiana⁶) o sagrado que extrapola os limites que se rebela. O sagrado “selvagem”, que (re) encanta o mundo. Sempre.

⁶ BASTIDE, R. *Sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras: 2006.

Referências

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAMPOS, L. S. O milenarismo intramundano de novos pentecostais brasileiros. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA E EM CIÊNCIAS SOCIAIS – ANPOCS, 24, 2000. Petrópolis. Anais... Petrópolis: ANPOCS, 2000.

DELUMEAU, J. *Mil anos de felicidade. Uma história do paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1977.

DESROCHE, H. *Dicionário de Messianismos e milenarismos*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.

ELIADE, M. *O Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACÓ, R. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e luta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GODOY, M. H. O desejado e o encoberto: potências de movimento de um mito andarilho. Dossiê Messianismo e Milenarismo no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, jun./jul./ago. 2010.

LIMA, D. V. B. Crises sociais e messianismo no Brasil: uma breve reflexão. In: POSSEBON, F. (Org.). *O que é Messianismo e Milenarismo*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008. (Coleção Pluralismo).

MÓDOLO, H. M. L. Os Muckers: uma releitura psicológica. Dossiê Messianismo e Milenarismo no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, jun./jul./ago. 2010.

MONTEIRO, D. T. *Os errantes do Novo Século: um estudo sobre o surto milenarista do contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MOTTA, R. Notas para a leitura de A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. *Estudos de Sociologia*, Recife - Universidade Federal de Pernambuco, v. 1, n. 2, p. 65-83, 1995.

NEGRÃO, L. N. Sobre os messianismos e milenarismos brasileiros. Dossiê Messianismo e Milenarismo no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, jun./jul./ago. 2010.

OTTEN, A. H. *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Edições Loyola, 1900 (Coleção Fé e Realidade).

QUEIROZ, M. I. P. de. *Messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 2003.

SCARDELAI, D. *Movimentos messiânicos no tempo de Jesus: Jesus e outros messias*. São Paulo: Paulus, 1998.

SCHULTZ, A. Descrição cronológica do episódio Mucker. *Protestantismo em revista - Revista do NEPP/EST*, São Paulo, v. 2, 2003.

SOUSA, R. F. O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo: diversidade e coerência. Dossiê Messianismo e Milenarismo no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, jun./jul./ago. 2010.

SOUZA, E. *Mulher em cena: a condição da mulher no catolicismo de Juazeiro do Norte*. São Paulo: Fortune, 2009.

SILVA, M. P. da. O que é Messianismo e Milenarismo? In: POSSEBON, F. (Org.). *O que é Messianismo e Milenarismo*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008. (Coleção Pluralismo).

SILVA QUEIROZ, R. da. O demônio e o messias: notas sobre o surto sociorreligioso do Catulé. Dossiê Messianismo e Milenarismo no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, jun./jul./ago. 2010.

_____. Mobilizações sociorreligiosas no Brasil: os surtos messiânico-milenaristas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, 2005.

SUNG, J. M. Sacrifícios e certezas num mundo de incertezas: neoliberalismo e milenarismo. In: BRITO, E. J. da C.; TENÓRIO, W. (Orgs.). *Milenarismos e Messianismos ontem e hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

VALLE, E. Medo e esperança: uma leitura psicossociológica do milenarismo brasileiro. In: BRITO, E. J. da C.; TENÓRIO, W. (Orgs.). *Milenarismos e Messianismos ontem e hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos de sociologia compreensiva*. São Paulo: Ed. UNB, 2004. v. 2.

_____. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.

_____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

The female charismatic power and the prophecy of a new world: messianic-millennarian inspirations during the revolt of the Muckers, São Leopoldo - RS

Abstract

The messianic-millennarian movements, for a long time, were not widely approached in the scientific studies of the religions. Such issue occurred in Brazil due to a strong charge of values and prejudices when analyzing these social-religious phenomena. From Queiroz's (1975) works that reality started to change and to enlarge the knowledge on that field. In the search for not criminalize or pathologize such movements because of their attitudes, but verify its social and internal logic which an unaware researcher would misinterpret as madness, the studies on those religious manifestations have been broadly carried out in the last few years. Departing from the epistemological-hermeneutic principle which affirms the existence of a symbolical-eschatological internal order which regulates and gives senses to the human actions we can briefly analyze the figure of the charismatic leader under the watchful eye of Weber's sociology of religion. Our aim is to approach Jacobina Mentz's charismatic leadership in the Revolt of the Muckers, emerged in São Leopoldo- RS, in the end of the nineteenth century.

Keywords: female leadership; charisma; messianic-millennarian.

Recebido em: 3/6/2012

Aprovado em: 31/7/2012